



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MÍDIA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: AS IMAGENS DE
GETÚLIO VARGAS NAS MANCHETES DOS JORNAIS TRIBUNA DA
IMPrensa E ÚLTIMA HORA (1950-1955)**

VITOR WOLFF NOGUEIRA

BRASÍLIA DEZEMBRO DE 2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VITOR WOLFF NOGUEIRA

MÍDIA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: AS IMAGENS DE GETÚLIO VARGAS
NAS MANCHETES DOS JORNAIS TRIBUNA DA IMPRENSA E ÚLTIMA HORA (1950-
1955)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Albene Miriam Menezes Klemi

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Albene Miriam Klemi

Orientadora

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Lea Carrer Iamashita

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Antônio José Barbosa

Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a D'us e a Nossa Senhora por todas as bênçãos e proteções, sem as quais eu aqui não estaria. Dedico também a meu pai Clovis Emilio Costa Nogueira pelo esforço para que eu estudasse e a minha mãe Adriana Acioli Wolff, por despertar em mim o amor pela história e me aprofundar nos meus estudos.

MÍDIA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: AS IMAGENS DE GETÚLIO VARGAS NAS MANCHETES DOS JORNAIS TRIBUNA DA IMPRENSA E ÚLTIMA HORA (1950-1955)

Vitor Wolff Nogueira¹

RESUMO

Este artigo trata da imagem do presidente Getúlio Vargas no seu último governo, que vai de 1950 a 1954, construída pelos jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora. O objetivo é analisar como Getúlio era retratado por esses dois jornais antagônicos no período mencionado e como o suicídio do presidente reverberou nas páginas dos aludidos periódicos. A intenção é ver como cada jornal construía a figura de Vargas frente às decisões tomadas e às crises enfrentadas pelo governo. A escolha desses dois periódicos foi feita pela notoriedade que eles tinham na época como opositor e apoiador de Getúlio, pois enquanto o primeiro combatia tenazmente o governo Vargas, o segundo assumia o papel de defensor das políticas governamentais. Para atingir esse propósito, a abordagem do tema pauta-se em pesquisa bibliográfica e de fonte de imprensa, nominalmente os mencionados jornais. Os resultados alcançados apontam que a imagem pública do presidente delineada nos periódicos em tela tinha como substratos os posicionamentos das linhas editoriais dos referidos jornais em relação às estratégias a serem adotadas para o desenvolvimento do país, o desenvolvimentismo liberal ou o desenvolvimentismo nacionalista. A constatação a que se chega é entre os dois jornais levou a projeção de imagens divergentes da figura de Getúlio – uma negativa, a da Tribuna da Imprensa, outra, a da Última Hora favorável ao presidente.

PALAVRAS – CHAVE

Mídia como instrumento político; Imagem política de Getúlio Vargas; Tribuna da Imprensa; Última Hora;

¹ Licenciando em História na Universidade de Brasília no Departamento de História/UnB. Este trabalho tem como lastro uma pesquisa sobre mídia e poder, coordenada pela professora Albene Klemi no âmbito do grupo de pesquisa registrado no CNPQ Laboratório de História e Historiografia do Brasil. O aspecto temático da pesquisa foi desenvolvido por mim em um projeto de PIBIC-UnB com bolsa do CNPQ. À professora Albene Klemi, agradeço pelo esforço, dedicação, e orientação, plenos de experiência e conhecimento da história brasileira. Ela é a idealizadora e origem de todo este trabalho.

INTRODUÇÃO

O segundo governo Vargas é um tema debatido sob diversos aspectos na historiografia, particularmente devido à figura do ex-ditador que volta ao poder de forma democrática e tenta de algum modo, impulsionar uma política de desenvolvimento no país sob os parâmetros nacional desenvolvimentista, ou populista, como propalam seus críticos. Neste artigo pretende-se investigar a imagem política do presidente Getúlio Vargas projetada pela imprensa no período em foco, essencialmente nos dois periódicos que simbolizaram o antagonismo em defesa e em oposição ao governo Vargas na primeira metade da década de 1950, os jornais Última Hora e Tribuna da Imprensa respectivamente. Para tanto, parte-se do seguinte questionamento: Quais imagens que a imprensa passa para os seus leitores de Getúlio Vargas entre os anos de 1950 a 1955? Como, ao longo deste período, a imprensa noticiou o governo de Getúlio Vargas para a população brasileira?

No levantamento bibliográfico que enceta as análises deste artigo não foi, entretanto, identificado estudo específico que coteje a imagem de Getúlio projetada pela Tribuna da Imprensa com a delineada pela Última Hora. Por esse motivo, considera-se pertinente a proposta deste trabalho de abordar a mídia como instrumento político, no que tange à configuração de um perfil negativo e combatido ou um retrato positivo e elogiado do personagem Getúlio Vargas.

Ao longo de todo o último governo de Getúlio, a mídia brasileira atuou de forma presente no cenário político, diferindo do primeiro período da era Vargas em que o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão esse criado na ditadura do Estado Novo para regular o que se divulgava pelos meios de comunicação, modelava as informações divulgadas pelo país e, com isso, passava a imagem conveniente a Getúlio. Diferentemente, nos anos cinquenta, Vargas teve que enfrentar a imprensa sem poder aplicar uma censura no que era publicado e, por conseguinte, não teve controle da sua imagem forjada pelos periódicos.

Para atingir o objetivo do artigo escolheram-se jornais da época, a Tribuna da Imprensa e a Última Hora, por serem, como mencionado, antagônicos. A pesquisa realizada no âmbito deste artigo nos acervos dos dois periódicos deixa patente que a divergência de ideias entre os editores, Carlos Lacerda e Samuel Wainer, respectivamente, eram expressas nas páginas desses jornais diariamente, trazendo dois pontos de vistas distintos sobre os mesmos fatos. Lacerda agia como forte opositor das políticas varguistas e de sua política de desenvolvimento nacionalista, representando o grupo político que apoiava seu jornal, enquanto, por outro lado, o editor chefe da Última Hora defendia as políticas trabalhistas e

nacionalistas de Vargas. Marcio de Paiva Delgado, em dissertação de mestrado, traz importante constatação sobre a fundação da Tribuna:

Podemos concluir que o jornal, através de seu editor, refletia a vertente mais radical da UDN, tendo em momentos mais instáveis, um discurso claramente golpista, o qual defendia a quebra da legalidade em nome de uma suposta “verdadeira” democracia, diferente e sem as influências da nascida ao apagar das luzes do Estado Novo. (DELGADO,2006, p. 5)

Segundo Delgado (2006) a Tribuna da Imprensa mostrava como os opositores de Vargas pensavam. Por seu turno a Última Hora se posicionava como jornal favorável ao governo getulista e aos seus apoiadores - afinal a própria fundação do jornal deu-se com apoio de Getúlio e foi possibilitada, em parte, pelos financiamentos recebidos do Banco do Brasil -, e com seu comprometimento com as políticas de Vargas, como podemos ver no mencionado texto de Márcio de Paiva Delgado:

(...) havia conseguido fundar o jornal Última Hora, financiado com empréstimos do Banco do Brasil, comprometido com o programa nacionalista de desenvolvimento de Getúlio Vargas, que acabou por constituir-se numa eficiente arma de propaganda a favor do governo. (DELGADO,2006,p. 59)

O contexto histórico da volta de Vargas ao poder na década de cinquenta é bem diferente dos anos trinta. Em 1950 Getúlio volta por eleições diretas, pelo voto do povo, ao contrário de 1930, que é por meio de um golpe de Estado. Ou seja, depois de passar quinze anos no poder e um hiato de cinco anos longe, Vargas retorna ao Catete democraticamente eleito pelos braços do povo. O próprio jingle de sua campanha, *O Retrato do Velho*, de autoria dos compositores Haroldo Lobo e Marino Pinto, que era inclusive uma marchinha de carnaval, buscava passar essa imagem:

“Bota o retrato do velho outra vez

Bota no mesmo lugar

O sorriso do velhinho

Faz a gente trabalhar

Eu já botei o meu

E tu, não vai botar?

Já enfeitei o meu

E tu vais enfeitar ?

O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar”.
(LOBO, Haroldo; PINTO, Mariano S.D)

Nas eleições de 1950, Getúlio, elegeu-se, como candidato do PTB - Partido Trabalhista Brasileiro, que era um partido ligado aos sindicatos de trabalhadores, e com o apoio do PSP - Partido Social Progressista, fundado em São Paulo por Ademar de Barros, partido do vice-presidente Café Filho².

Os opositores a esta aliança, e também a Getúlio, eram, principalmente, do partido UDN – União Democrática Nacional- que tinha idéias da não intervenção do Estado na economia e eram favoráveis à abertura ao capital estrangeiro, e defendiam o viés de uma economia liberal. Este partido era composto por grupos políticos contrários a Vargas, e Carlos Lacerda se incluía neste grupo. Desse modo, lança seu candidato Eduardo Gomes à presidência para concorrer com Vargas nas eleições. Todavia, sem sucesso, obtendo somente 29,66 por cento dos votos, contra os 48,73 por cento de Vargas.

Os adversários de Getúlio não aceitam a derrota nas urnas e iniciam oposição cerrada ao governo varguista e à pessoa do presidente. Assim que Vargas ganha as eleições seus adversários questionam o resultado eleitoral, alegando que ele venceu as eleições com 48,7 % dos votos, sendo que o necessário seriam 50 % mais um. Essa tese não tinha respaldo jurídico pela Constituição de 1946 e o Tribunal Superior Eleitoral nega o pleito de seus opositores. Esse episódio da mostra de muitos outros ataques que o presidente iria sofrer ao longo do seu governo e que serão estudados neste artigo para ver como foram construindo sua imagem pela oposição.

Utilizando a Tribuna da Imprensa e a Última Hora como fontes históricas, o presente artigo tentará trazer a visão dos aludidos polos políticos que tinham nesses dois periódicos verdadeiros porta-vozes de suas posições políticas. Para realizar esse objetivo foram pesquisados nas páginas da Tribuna da Imprensa particularmente os artigos identificados com a autoria de Carlos Lacerda, assim como outras matérias alusivas a Getúlio e seu governo, cobrindo-se o período, de dezembro de 1949, quando foi fundado o jornal, até dezembro de 1954. Em relação à Última Hora, procedeu-se da mesma forma. Nesse caso, todavia, a pesquisa cobriu um período um pouco menor, posto este periódico ter sido fundado em 1951. Desse modo, para poder fazer um contraponto entre as duas visões e suas formas de

² De acordo com Delgado, “Essa força regional, no Estado mais rico e populoso da federação (São Paulo), foi decisiva em momentos eleitorais a nível nacional, como a coligação PSP-PTB (o PSD, dividido, apoiara de maneira não oficial) para as eleições de 1950 que levaria Getúlio Vargas e João Café Filho (membro do PSP) ao Catete.. (DELGADO, 2006,pg 52)

publicação dos fatos e crises políticas do governo, privilegiou-se o período do lançamento da candidatura e da campanha eleitoral até alguns meses depois do suicídio de Getúlio.

Para o presente trabalho foram selecionados como principais lastros da análise sobre o objeto de estudo textos dos seguintes autores: D'Araujo (1992); Delgado (2005 e 2006), Abreu e Latman-Weltman (1994) e Martins (2016). Especificamente sobre o tema mídia foram consideradas as ponderações de Biroli (1994), Gusmão de Mendonça (2008), Papis (2002), Fonseca (2011), entre outros. Além disso, foram levadas em conta as ponderações teóricas e metodológicas sobre imprensa como fonte e objeto de pesquisa, entre outros, de Calonga (2012), Capelato (1988), Cruz e Peixoto (2007) e De Lucca (2006). A respeito das manchetes como objeto de estudo reportou-se a Trinches (2014) e Albuquerque (s.d).

Sobre a fonte da imprensa, esclarece-se que a pesquisa sobre as matérias da Tribuna da Imprensa foi feita junto ao Acervo de Carlos Lacerda, na Biblioteca Central da UnB/ BCE no Setor de Obras Raras e no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O levantamento do material da Última Hora foi realizado no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O antagonismo entre esses dois jornais e as imagens discrepantes que passavam do presidente Vargas e do seu governo é o que se pretende delinear. Para tanto será feito um exercício de comparação entre o que se noticiava na Tribuna da Imprensa, as opiniões do “Corvo do Lavradio”³ – como Wainer chamava Lacerda -, e aquelas publicadas na Última Hora e os pontos de vistas externados por Samuel Wainer, o bessarábio⁴, como por vezes o denominava Carlos Lacerda em alusão ao seu país de nascimento.

³ Em maio de 1954, em um acontecimento que nada tinha a ver com o governo de Getúlio, Nestor Moreira, repórter policial, morre numa discussão com dois policiais. A morte desse jornalista causou grande comoção entre o meio jornalístico, e no dia do velório Lacerda faz um discurso ligando a violência ao palácio do Catete e ataca duramente o governo de Vargas. Wainer, se sentindo extremamente incomodado com esse ataque de Lacerda, pede ao cartunista Lan do Última Hora para fazer uma charge de Lacerda como um corvo velando o cadáver. Essa charge foi publicada no dia 25 de maio e foi a primeira de muitas.

⁴ Antiga região do Império Russo origem de sua família e de seu nascimento, embora ele se passasse por brasileiro nato só vindo admitir essa circunstâncias poucos anos antes de sua morte (Wainer, 1988)

As Imagens de Vargas nos jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora.

O cenário político que Vargas encontra, após deixar o poder em 1945 e retornar na década seguinte, é o de um país bem diferente, que começa uma nova fase na sua história. De acordo com Marcio Paiva Delgado “... O fim do Estado Novo iria inaugurar aquilo que ficou conhecido na historiografia como “Experiência Democrática” e perduraria até 1964”. (DELGADO,2006, p. 3). Esse novo mandato na década de cinquenta tem como característica um Brasil marcado por grandes transformações sociais e políticas em relação ao Estado Novo. Além disso, tem lugar um reavivamento do debate sobre qual estratégia deveria ser adotada para a modernização do país, com uma polarização entre duas tendências: uma desenvolvimentista nacionalista, que considera o Estado como propulsor do processo, advogada pelo governo Vargas; outra, de inspiração liberal e defensora de uma economia de mercado aberta ao investimento estrangeiro, defendida por parcela da “elite tradicional” e dos grandes órgãos de imprensa.

A experiência democrática que a sociedade brasileira vivia naquela época já era marcada por conceitos de uma cidadania mais efetiva, uma democracia mais atuante, não era mais um povo domesticado pelo cabresto dos coronéis e que fazia o que eles ordenavam. Era uma sociedade mais urbana, com mais acesso à informação. E a comunicação se dava muita das vezes por jornais, pelo poder que os editores tinham na época. Sobre isso André Araújo diz o seguinte:

“A crise política que levou o Presidente Vargas ao suicídio em 24 de agosto de 1954 foi em grande parte montada pela imprensa carioca, naquela época a mais importante do País pela quantidade e peso dos jornais, pela alta qualificação dos colaboradores, parte deles grandes escritores da nata da literatura brasileira do século passado. Os donos e diretores dos jornais estavam no centro da elite social e econômica do País e sua influência era proporcionalmente maior que hoje, havia uma interpenetração da política no jornalismo e vice-versa.” (ARAÚJO, 2017, s.p)

A Tribuna da Imprensa foi fundada em dezembro de 1949, por Carlos Lacerda, pouco depois deste ter sido demitido do jornal Correio da Manhã, por ter feito sérias críticas ao grupo empresarial Soares Sampaio em uma matéria publicada naquele jornal. (DELGADO, 2006,p. 57).

Na primeira metade da década de 1940, depois de ser expulso do Partido Comunista e vivenciar um “ostracismo a que havia sido condenado pelo Partido” (MENDONÇA, 2008, s.

p.) e em sequência ter sido desligado da revista *Diretrizes* de Samuel Wainer, “complicou-se a situação financeira de Lacerda, que não teve alternativa senão voltar-se para os amigos conservadores”(MENDONÇA, 2008, s. p.).

Assim, Carlos Lacerda alia-se com católicos conservadores, grupos financeiros que apoiavam o capital externo e a mobilização interna do partido UDN, setores que eram fortemente opositoristas aos partidos que apoiavam Vargas (PSD e PTB) e filia-se à UDN. Depois de passar por diversos órgãos de imprensa, onde não permanecia por muito tempo, abraçou a ideia de fundar seu próprio jornal, a *Tribuna da Imprensa*, que desde o início tornou-se verdadeiro palanque contra Vargas e à suas políticas governamentais.

O jornalista Carlos Chagas, um estudioso sobre Lacerda, traz o seguinte conceito sobre a fundação do jornal *Tribuna da Imprensa*: “Para fundar o jornal, anunciado desde o início como uma trincheira de resistência contra o getulismo que emergia, e o comunismo que não tinha submergido, Lacerda abriu subscrição pública, a que a classe média puritana não faltou. (...)”. (CHAGAS apud DELGADO, 2006, página58)

Lacerda já nessa época era famoso pelo seu talento como orador: em fevereiro de 1945 ele tinha despertado a atenção da imprensa nacional com a entrevista a José Américo de Almeida. Essa entrevista conseguiu quebrar a censura do DIP e, assim, foi um marco contra a censura do Estado Novo. Nela foram feitas severas críticas ao governo federal e à figura do presidente Getúlio. Com essa matéria, Lacerda ganha destaque na mídia nacional como jornalista. (DELGADO, 2006, p. 41).

Nas eleições de 1950, antes mesmo de Vargas ser eleito, os ataques da *Tribuna da Imprensa* começam e Carlos Lacerda mostra que se Vargas vencer as eleições não terá trégua. Em um trecho retirado dos estudos de Marcio Paiva Delgado podemos ver o teor das matérias publicadas por Lacerda já nas eleições:

Uma vitória do brigadeiro não dividiria senão pacificamente a nação. Não há inimigos, aí, há unicamente adversários. Uma vitória do sr. Getúlio Vargas seria [...] a divisão do Brasil em duas partes: a parte dos que aclamariam a volta da traição, até que se desenganassem tardiamente, e a parte, também numerosa, dos que não se conformariam com essa situação - e iriam às armas, e impediriam pelas armas se necessário, a volta do sr. Getúlio Vargas ao poder. (MENDONÇA, Marina Gusmão apud DELGADO, 2005, p 4)

Outra frase famosa deste jornalista, que denota de forma cabal seu posicionamento em reação a Vargas, foi pronunciada durante a campanha eleitoral de 1950, publicada na edição

do dia 1 de junho, na coluna que Lacerda escrevia em seu periódico, e tornou-se emblemática do antigetulismo: “O Sr. Getúlio Vargas senador, não deve ser candidato a presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo governar.”. Realmente, ao longo do último governo Vargas, a sociedade brasileira foi se dividindo entre dois polos, de um lado os getulistas, e de outro os antigetulistas. Esse fato o próprio Lacerda já construía em seus artigos, como se pode ler na mesma coluna do dia 1 de junho “A eleição do sr. Getúlio(...). Ela não dividiria tão somente opiniões dos brasileiros, ela dividiria os brasileiros. Verdadeiramente não seria uma luta política, seria uma luta de vida ou morte, entre os que acreditam na democracia com democratas e os que acreditam na democracia com antidemocratas.”. As matérias publicadas por Lacerda incitavam bastante essa divisão ao longo do governo de Vargas. Exemplos de manchetes publicadas na Tribuna da Imprensa que incitavam a população contra Getúlio antes do pleito são várias, algumas, para melhor ilustrar seriam: Em 4 de julho de 1950, na primeira página da Tribuna, a manchete demonstra a divisão que Lacerda construía. Com o título “Se ele voltar. Hitler não faria o que Getúlio fez”, o jornalista associa a imagem de Vargas ao ditador alemão, àquela época já considerada a personificação do mal. Outro caso que se pode citar é a do dia de 3 de outubro, data da eleição, que trazia na capa “Pistoleiros de Getúlio prontos para atacar o povo”, ou ainda, no dia 17 de outubro de 1950 sob título “Em oposição a Getúlio a união democrática nacional”. Estes são alguns exemplos das diárias manifestações que caluniam, injuriam e difamam o presidente.

Essa postura só podia ter um escopo, destruir a imagem do chefe de Estado brasileiro junto à população. Títulos das colunas da Tribuna da Imprensa, como no dia 12 de julho de 1950, em letras maiúsculas, na primeira página “Vai aumentar o custo de vida”; ou, três anos depois - para se observar que perpetuou os ataques ao longo de todo o governo-, a do dia 14 de dezembro de 1953 “Getúlio está esquecendo dos interesses do povo”, eram publicadas como forma de uma propaganda negativa de Vargas.

A sistemática oposição feita a Vargas por Carlos Lacerda e pela UDN, ao longo da campanha eleitoral, tem continuidade e se projeta por todo o período do governo, até mesmo depois da morte trágica do presidente, no processo de desconstrução da imagem deste. O posicionamento de confronto encontra ensejo singular com a vitória de Vargas pois, não podendo contestar os resultados das urnas, lança-se uma tese de deslegitimação desse resultado na tentativa de impedir a posse do eleito. Diante da vitória de Getúlio nas eleições de 1950, Carlos Lacerda, junto com a UDN, lança uma frente de batalha para destruir a vitória getulista. A tese usada para tanto é a contestação da vitória eleitoral por não ter o eleito

angariado a maioria simples dos votos, mas tão somente 48,73 %. Os opositores de Vargas entram com ação junto ao Tribunal Superior Eleitoral/TSE argumentando que era necessária a maioria absoluta e que ele não atingiu esse percentual e, portanto não saíra vitorioso do pleito. Lacerda, na Tribuna, não fez por menos como se pode observar nas páginas do jornal na edição unificada de sábado e domingo dos dias 4 e 5 de novembro de 1950, que estampava a seguinte manchete: “Erro jurídico a eleição de um presidente pela minoria”. Na segunda feira, dia 6 de novembro, vem outra manchete estampada na primeira página com os seguintes dizeres: “Hitler eleito por maioria relativa”, título que associa a figura de Hitler como se Getúlio fosse, para logo abaixo, no *lead*, informar - “Hitler foi eleito com 43,9 dos votos, enquanto Getúlio o fora com 48,5”(sic). No dia 7, seguindo a sequência dos dias anteriores, estampa na primeira página o título “A maioria absoluta foi aprovada pela constituinte”.

Essas notícias fazem parte da campanha para deslegitimar a vitória de Vargas e criar uma atmosfera que respaldasse a intenção de impedir a posse do eleito. De concreto, o advogado opositor Aliomar Baleiro peticiona junto à instância jurídica competente o embargo da posse de Getúlio argumentando que este não tivera maioria absoluta. O Tribunal Superior Eleitoral não acatou a tese dos opositores de Vargas. Desse modo, Getúlio assume o poder democraticamente eleito e confirmado pela justiça. O presidente eleito toma posse em 31 de janeiro de 1951, já com sua primeira crise midiática, as quais ao largo do seu governo se reproduziria. Como já aludido, Vargas enfrentou fortes ataques nos jornais da época, que publicavam constantemente notícias atacando sua imagem, não dando trégua ao presidente.

Observa-se que essa é uma época em que ainda não havia a internet e a televisão ainda não tinha tanta influência e, com isso, os jornais impressos e o rádio eram meios de comunicação com forte impacto social. De acordo com André Araújo “Os donos e diretores dos jornais estavam no centro da elite social e econômica do País e sua influência era proporcionalmente maior que hoje, havia uma interpenetração da política no jornalismo e vice-versa” (ARAÚJO, 2017, s.p).

A Tribuna da Imprensa era um jornal de menor expressão (ARAÚJO,2017), com menor tiragem, limitado mais ao núcleo de leitores da então capital federal, o Rio de Janeiro. Todavia, tinha uma repercussão considerável na opinião pública. A Tribuna era um dos jornais que fulminavam Getúlio e as suas políticas trabalhistas e desenvolvimentistas.

Após diárias matérias jornalísticas denegrindo sua imagem, Getúlio sugeriu ao jornalista Samuel Wainer, segundo este, a fundação de um jornal. (WAINER, 1988). Em 12 de junho de 1951, Wainer funda o jornal a Última Hora, com o apoio do governo de Getúlio e de seus aliados. Para criar o jornal foram usados financiamentos públicos do Banco do Brasil, do que

posteriormente Lacerda vai se valer para atacar também aquele vespertino e seu criador. Esse impresso tinha como principal objetivo reagir aos ataques que Vargas sofria na mídia, principalmente da parte de seu maior opositor Carlos Lacerda que, mesmo tendo um jornal de pouca circulação e restrito mais à cidade do Rio de Janeiro, causava grandes estragos à imagem pública de Vargas. Dessa forma, enquanto Lacerda e a grande mídia - que era composta principalmente pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, pelo Correio da Manhã e O Globo, dentre outros -, agrediam a figura do presidente, a Última Hora funcionava como bastião de defesa e publicava notícias louvando Vargas (BORGES, Altamiro, 2009).

Ao longo do segundo governo Vargas as políticas implementadas são muitas vezes noticiadas com reprovação ou mesmo como se crises fossem. Este foi o caso do aumento do salário mínimo em 100% no ano de 1954, que foi publicado nas páginas do jornal Tribuna da Imprensa em matéria com o seguinte teor: “Aumenta a demagogia, PTB propõe de CR\$ 3 mil”, publicada no dia 25 de fevereiro de 1954; ou, ainda, como manchete no dia 4 de maio, na primeira página desse mesmo jornal “Getúlio provoca os coronéis”, e logo abaixo dessa manchete “... o problema do salário mínimo no memorial dos coronéis”. O aumento do salário mínimo tinha gerado mais uma crise, desta vez, coronéis e tenentes-coronéis protestam contra o aumento do salário mínimo e assinam o chamado Manifesto dos Coronéis, onde protestam contra o que achavam ser uma situação de descaso em relação às Forças Armadas em vários aspectos, com destaque, dentre outros, para o aumento de 100% do salário mínimo que seria um desprestígio para as Forças Armadas, uma subversão de valores profissionais, dada a equiparação do salário mínimo ao de um oficial graduado, fato que impediria a possibilidade de recrutamento para o Exército de seus quadros inferiores. (DELGADO, 2005)

Em sequência, no dia 5 de maio, a segunda página da Tribuna dizia “Primeiras consequências do novo salário. Ameaça de desemprego e aumento geral de vida”. Ou ainda, como noticiava sobre o Pacto ABC (pacto que formaria um bloco econômico entre Argentina, Chile e Brasil), que foi noticiado no dia 15 de março de 1954 assim: “*Peron cumple, pero Vargas no dignifica*” e, mais abaixo na primeira página continua com o seguinte teor “... Sr. Vargas, não contente de emporcalhar o Brasil aqui dentro com a proteção que dispensa aos negociatas, ainda vai enxovalha-lo no estrangeiro, com as tramas que urde com os ditadores”. Estes são alguns exemplos de situações que a Tribuna da Imprensa usou para construir uma imagem negativa de Vargas.

Enquanto Lacerda minava as políticas e a imagem de Getúlio, o jornal Última Hora revidava trazendo em suas páginas diárias uma imagem positiva de Vargas e de sua família

que, diga-se de passagem, também não era poupada pelos opositores do governo. Nas páginas da Última Hora notícias exaltando as políticas públicas varguistas eram frequentes, como se pode observar na edição do dia 8 de setembro de 1951, que estampava na capa a manchete “Juremos lutar por um Brasil livre da subserviência econômica” e logo abaixo trazia como título auxiliar “Vargas fala às massas, reafirmando as linhas mestras do seu governo...”. No dia 12 de novembro de 1951, estampava na primeira página “Vargas mobiliza o povo para o caso do petróleo”. Vale ressaltar, o caso do petróleo brasileiro nos anos cinquenta foi algo de grande celeuma entre os liberais e os nacionalistas. Vargas defendia o slogan dos nacionalistas “o petróleo é nosso”, tanto é que o presidente cria, em 3 de outubro de 1953, a Petrobras, empresa petroleira brasileira que tinha o monopólio para explorar o petróleo.

Samuel Wainer nas páginas da Última Hora buscava construir uma imagem positiva de Vargas e de seu governo. Após a inauguração da Última Hora, Lacerda encontrou adversário à altura para revidar seus ataques. Enquanto a Tribuna atacava de um lado, Wainer contra atacava de outro, pincelando uma imagem bem diferente da que era construída no jornal de Lacerda.

Wainer não se limitava a defender Vargas, atacava também os opositores de Getúlio, como se pode observar em matéria de capa do dia 11 de outubro de 1951, que vinha com a seguinte manchete “Na UDN, a minoria quer dominar a maioria” e no *lead* trazia a seguinte informação:

“Dividem-se os udenistas em três grupos: Colaboração com o governo, independência, oposição – temor de uma nova derrota-, cautelosos os mineiros – Até onde vai a influência de Osvaldo Aranha, Prado Kelly e Otavio Mangabeira- desorientação e desconfiança- as constantes atividades políticas.” (WAINER. ÚLTIMA HORA, 11/10/1951)

A Última Hora era na época um jornal atuante na cidade do Rio de Janeiro, que batia de frente com a grande mídia formada por jornais opositores de Vargas. Publicava notícias como a do dia 7 de dezembro de 1951, que trazia como título “Governo e povo derrotam os monopólios. Iniciada a marcha para a conquista da emancipação econômica do Brasil” e, na segunda seção, daquele mesmo dia, que trazia estampado na capa “O Ministério do Trabalho não autorizou nem autorizará qualquer corte de salários”. Ou ainda, para melhor ilustrar o esforço da Última Hora, a manchete do dia 15 de dezembro de 1951 “Primeira Vitória popular de Vargas no Congresso. O povo julgará os especuladores” e logo abaixo, o seguinte:

“Aprovada na Câmara a Lei que institui o Júri para os crimes de economia popular – restabelecida a preferência pelos chefes de família e donas de casa – derrotadas as supressões sugeridas pelo Senado Federal – A integra do projeto – Os crimes capitulados na lei – Consagração da campanha de Última Hora”(WAINER. ÚLTIMA HORA, 15/12/1951)

Esses são alguns exemplos de manchetes publicadas na Última Hora que buscavam construir uma imagem positiva de Getúlio trazendo uma versão do presidente bem diferente da Tribuna da Imprensa. O contraste entre as coberturas dos jornais em pauta relativas ao governo fica patente ao se observar suas atitudes, no dia 31 de janeiro de 1952, quando Vargas completava um ano de governo. Esse acontecimento foi retratado de forma díspare pelos dois jornais: enquanto a Tribuna nada publicava na sua primeira página, a Última Hora louvava Getúlio, publicava uma imagem que ocupava grande parte da primeira página na qual sobressaía o rosto de Vargas e no cabeçalho trazia a seguinte manchete “O povo julga Vargas. A nação opina sobre um ano de governo”. Logo abaixo o texto do lead sentenciava, “ Saldo positivo no balanço do primeiro ano de governo. O que fez e o que ainda há a fazer – lançadas as sementes para a grande colheita da obra de recuperação econômica e social do Brasil”.

O embate entre os proprietários e editores dos jornais não se circunscriviam ao combate e defesa do governo Vargas. Samuel Wainer, o repórter que então trabalhava para o jornal a quem Vargas concedeu a famosa entrevista, no início de 1948 (que consubstanciava as suspeitas de que o ex-ditador tinha pretensões em relação à próxima eleição presidencial), era desafeto de Carlos Lacerda, que nutria ressentimento ao primeiro desde o aludido episódio do seu desligamento da revista *Diretrizes*. Segundo Mariana Gusmão de Mendonça, “Para Lacerda, ambicioso e vaidoso, o sucesso da Última Hora seria de difícil aceitação, tanto mais que, sendo este um vespertino, concorria diretamente com a Tribuna da Imprensa, muito pobre em vendagem.” (MENDONÇA, 2008, s. pág.). Essa desavença leva Carlos Lacerda, de acordo com Mendonça (2008), a tentar destruir a Última Hora.

Em 1953 o antagonismo entre a Tribuna e a Última Hora atingiu níveis maiores de rivalidade quando Lacerda recrudescer os ataques a Samuel Wainer com denúncias pessoais, assim como ao jornal de sua propriedade. A acusação era fundada na tese de que Wainer era estrangeiro nascido na Europa e que tinha vindo para o Brasil criança, ou seja, não era brasileiro nato, não nascera em território brasileiro. A Constituição de 1946 vedava que estrangeiros fossem donos de jornais, assim, Wainer não poderia ser proprietário de jornal no Brasil. A Tribuna ainda alegava favorecimento ilícito pelo financiamento conseguido por Wainer junto ao Banco do Brasil para fundar seu periódico. Nesse sentido cita-se como exemplo a reportagem do dia 3 de julho, que trazia a manchete “Prova de que a Última Hora

jamais poderá pagar o que deve ao Banco do Brasil...”. A rivalidade entre os jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora no ano de 1953 ficou registrada na História do Brasil nas edições publicadas. Mencionam-se ilustrativamente as manchetes estampadas na capa da Tribuna no início de julho de 1953. No dia 6 de julho de 1953, a manchete na sua capa era “Wainer hoje na comissão para citar os nomes dos tubarões que lhe deram o dinheiro”⁵. Ou ainda, a reportagem do dia 4 de novembro de 1953, com o título principal “Financiamento maciço do Banco do Brasil ao grupo de Última Hora...”.

A pesquisa realizada com o jornal Tribuna da Imprensa permite a asserção de que são tantas as capas, manchetes e reportagens atacando a Última Hora e seu proprietário, que não é possível colocar todas em um só artigo acadêmico. Os ataques vindos do jornal de Carlos Lacerda ao “Bessarábio” eram praticamente cotidianos e consubstanciam a tese de Mendonça (2008), de que Carlos Lacerda, o responsável por esses ataques, tentava destruir a Última Hora.

Mas a campanha contra a Última Hora ressoava também em outros órgãos de imprensa, aos quais Wainer tentava retrucar. A Última Hora revidava não somente aos ataques vindos da Tribuna. No dia 7 de julho de 1953, por exemplo, era estampada na capa da Última Hora a manchete “Dinheiro do povo para as loucuras de Chateaubriand”. Assis Chateaubriand era o dono dos Diários Associados que, junto com Lacerda e jornalistas e proprietários de órgãos da chamada grande imprensa do Rio de Janeiro formavam a mídia que era contrária a Vargas. Com essa manchete Wainer chamava a atenção do leitor e despertava sua atenção sobre a reportagem que mostrava como Chateaubriand se beneficiava do dinheiro público para expandir seus negócios.

Curioso é que por trás dos ataques a Wainer havia ainda outros interesses além das divergências políticas. Marcio Paiva Delgado (2006) chama atenção para o fato de que o sucesso das tiragens do jornal Última Hora incomodava Assis Chateaubriand e Roberto Marinho. Isso porque em menos de dois anos a Última Hora, que era vespertino, atingiria enorme tiragem, com edições no Rio de Janeiro e em São Paulo, colocando em risco tanto O Globo, de Marinho, como o Diário da Noite de Chateaubriand, estes também vespertinos.

Mesmo com o impulso de outros periódicos, a campanha contra a Última Hora não foi de todo vitoriosa. Se por um lado essa batalha, pode se dizer, atingiu Wainer, que se viu obrigado a deixar a direção do jornal, este, mesmo não estando formalmente à frente do seu vespertino, era quem continuava a dirigir a Última Hora que, aliás, não deixou de ser um sucesso de vendas.

⁵ Trata-se da Comissão de inquérito sobre os negócios da Última Hora com o Banco do Brasil.

No fatídico ano de 1954, a campanha antivarguista se torna mais acirrada. Um dos fatores que contribuiu para isso foi a crise do salário mínimo. Nesse ano Lacerda potencializa as suas críticas ao governo de Vargas, ao ponto de, no sábado do dia dez para o domingo onze de abril (os jornais de fim de semana eram publicados no mesmo dia), nas páginas de seu jornal, Lacerda pede apoio aos leitores e solicita a esses para que mandem discursos do presidente que mostrem contradições. Este ato, por mais singelo que possa aparecer, na realidade estimulava a população contra Vargas, fazendo com que o povo participasse da campanha contra o presidente. Lacerda transformava a população em parte ativa do movimento, ou seja, chamava-os para a luta a que ele tanto se dedicava.

Dentre as várias crises ocorridas no ano de 1954, destaca-se a do salário mínimo, uma vez que colocava setores das Forças Armadas abertamente contra o governo e foi outro fator que contribuiu para aumentar os ataques à campanha contra Vargas. Em janeiro de 1954, o então ministro do Trabalho João Goulart propõe o aumento do salário mínimo em 100%. Isso gerou fortes críticas por parte de coronéis do Exército, que alegavam no notório Manifesto dos Coronéis⁶ que as Forças Armadas estariam sendo desprestigiadas e esse aumento representava “uma aberrante subversão de todos os valores profissionais“, posto com essa medida equiparava-se o salário mínimo de um oficial graduado⁷. Getúlio aumentou o salário mínimo mesmo assim, mas João Goulart perdeu seu posto como ministro. Este fato gerou fortes desgastes para o governo Vargas, pois seus opositores se valeram desse episódio para vilipendiar ainda mais a figura do presidente. A Tribuna, por exemplo, usou esse episódio para publicar em suas páginas manchetes, como pode se ver na capa do dia 6 de janeiro de 1954 “O próprio governo está com medo do novo salário mínimo”.

Muitos dos artigos de Lacerda foram dedicados ao presidente Vargas⁸, entre esses artigos pode se citar um publicado no dia 23 de abril de 1954, que começa com o seguinte título “Carta ao pai de Lutero” – Lutero era o filho do presidente. Nessa carta Lacerda atua de forma eficaz contra Vargas, usando de sua oratória mais uma vez para denegrir a imagem de

⁶ Sobre esse episódio Costa diz: “Para os militares signatários do manifesto, além de alimentar a inflação, o aumento de 100% do salário mínimo significava um desprestígio para as Forças Armadas, e “uma aberrante subversão de todos os valores profissionais”, uma vez que sua equiparação ao salário de um oficial graduado estancaria “qualquer possibilidade de recrutamento, para o Exército, de seus quadros inferiores”. Tal desprestígio, argumentavam eles, funcionaria também como elemento facilitador da ação dos comunistas.

⁷ Esse movimento de militares levou em um manifesto que ficou conhecido como “movimentos dos coronéis”, sobre esse episódio Delgado comenta: “Com a divulgação do “Manifesto dos Coronéis”, a 20 de fevereiro, na imprensa, 82 coronéis e tenentes-coronéis ligados à ala conservadora do Exército, denunciavam o descaso do governo com as Forças Armadas e criticavam o aumento de 100% do salário mínimo.(DELGADO, Marcelo , ano 2006, p84)

⁸ O Acervo de Carlos Lacerda na Biblioteca Central/BCE da Universidade de Brasília possui vasto material que pertenceu ao jornalista Lacerda. Há um conjunto de pastas com recortes dos artigos que eram publicados diariamente.

Getúlio. O ano de 1954 foi um ano que os ataques ao presidente foram maciços. No dia 10 de maio desse mesmo ano, uma nota de Lacerda na Tribuna comemora o primeiro aniversário da campanha contra Vargas, campanha essa lançada no ano anterior em que nas páginas da Tribuna ele chama a população a participar do seu intento. Traz o questionamento de que atitudes como essa dividiam a opinião pública, dividindo a população entre varguistas e antivarguistas.

Mas é em agosto de 1954, com o atentado da rua Toneleiros, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, em que o major Vaz da Aeronáutica é morto em um atentado arquitetado para atingir Carlos Lacerda, que a pior crise do governo de Vargas começa. Agosto de 1954 é um dos meses mais difíceis para o último mandato do presidente Vargas. Ao longo desse mês Vargas vai sendo pressionado pelos seus opositores, que o acusam de mandante do atentado e, ao mesmo tempo, a Tribuna da Imprensa reforça os ataques e publica diariamente matérias contrárias ao presidente, ofendendo-o e o acusando incessantemente. As colunas publicadas na Tribuna por Lacerda no mês de agosto, antes do dia do suicídio, traziam títulos tais como: “renúncia imediata” (12 de agosto de 1954); “onze dias depois do crime” (16 de agosto de 1954); “Provada a culpa de Vargas” (19 de agosto de 1954).

Por conta de ter sido um major da Aeronáutica morto no atentado, é instaurado um inquérito por essa força militar para investigar o caso⁹, e a tensão dentro do Palácio do Catete, sede do governo, vai se agravando cada vez mais. Aumenta a pressão para Vargas renunciar ao cargo.

Entre a noite de vinte e três e a madrugada do dia vinte e quatro de agosto, há uma reunião de Vargas com seus ministros para discutir como lidar com a situação. O presidente vê seus apoios políticos minados e é orientado pelos seus ministros a renunciar ao cargo. Assim, tendo pouco apoio, se vê acuado e se suicida na manhã do dia 24 de agosto.

A forma do desenlace da crise é praticamente anunciada nas páginas do vespertino de Wainer. Diante da pressão em cima do presidente, que era tanta na véspera da tragédia, no dia 23 de agosto de 1954 a Última Hora publica “Vargas não cederá nem à violência, nem às provocações, nem ao golpe!”. A matéria abaixo dessa nota traz uma frase do presidente em negrito “Só morto sairei do Catete”. No dia seguinte a Última Hora estampava na capa -

⁹Delgado traz o seguinte pensamento sobre o tema: “Logo no primeiro dia da investigação conduzida pela Polícia Civil, ficou evidente o envolvimento de elementos do Palácio do Catete. No dia 12, sob o pretexto de que a vítima do atentado era um oficial da Aeronáutica, foi aberto um inquérito policial militar – IPM –, sob responsabilidade da Aeronáutica. A investigação passou a ser comandada da base aérea do Galeão que, na época, ficou conhecida como “República do Galeão” (DELGADO, 2006, p 88)

“‘Última Hora’ havia adiantado, ontem, o trágico propósito. Matou-se Vargas! O presidente cumpriu a palavra: ‘Só morto sairei do Catete!’”.

O desfecho trágico da pressão que Vargas sofreu ao longo de todo o seu último governo chegou ao ápice já próximo das eleições do futuro governo. Getúlio sofreu duros ataques ao longo dos quatro anos que esteve à frente do Governo Federal. Sua imagem estava sendo minada há muito tempo, o país na época estava dividido entre os que apoiavam Vargas e suas políticas e os que eram contra, e a imprensa antivarguista aproveitou-se da ocasião para minar ainda a pessoa de Vargas¹⁰.

A ofensiva de Lacerda ao presidente não cessou nem após a morte de Getúlio. A nota publicada pela Tribuna no dia 26 de agosto de 1954 mostra que nem com Vargas morto o “Corvo do Lavradio” parava. Assim começa ele no primeiro parágrafo da nota: “O desfecho trágico da crise, com o suicídio do presidente Getúlio Vargas, toldou a justa alegria do povo pela derrocada da oligarquia, dentro da lei e sem mais derramamento de sangue...” (Tribuna da Imprensa, Carlos Lacerda, 26/8/1954).

Carlos Lacerda foi um dos principais pivôs da campanha para desgastar Vargas. A grande mídia, ao longo de todo o último mandato de Vargas no poder não cessou seus ataques ao presidente e aos seus ideais de governo de um desenvolvimentismo nacionalista. Além disso, a leitura das matérias escritas por Lacerda suscita a hipótese de que este fez uso de uma gama de estratégias para enredar o público leitor na trama contra Getúlio. Assim é que, ainda no início do mandato presidencial, a Tribuna publica no dia 12 para o dia 13 de maio de 1951 (edição dupla de fim de semana) uma carta de um leitor reclamando dos ataques diretos a Vargas. Se esta carta é verdadeira, ou só mais um embuste de Lacerda para aproveitar e escrever logo em seguida uma preleção justificando as constantes reportagens contrárias a Getúlio é algo que a pesquisa não pode confirmar, mas mostra que os ataques antigetulistas eram algo arquitetado desde o início do governo de Getúlio.

A Tribuna da Imprensa realmente foi feita, como dizia o jornalista Carlos Chagas, para ser uma trincheira contra o governo getulista e todos os seus ideais desenvolvimentistas e trabalhistas. Carlos Lacerda realmente acreditava que tinha o direito de criticar o que bem

¹⁰ Interessante trazer o pensamento de Araújo: “O chamado “atentado da Rua Toneleros” foi uma trama urdida pelo chefe da segurança de Vargas, Gregório Fortunato, pessoa de absoluta lealdade a Getúlio mas ignorante e sem noção da complexidade do quadro político. Pensando estar prestando um serviço ao chefe, Gregório contratou um pistoleiro para matar Carlos Lacerda, maior inimigo de Vargas na imprensa, na execução do atentado foi atingido e morto um oficial da Aeronáutica Major Rubens Vaz, que acompanhava Lacerda no momento, o que desencadeou uma crise político-policia de 20 dias, amplificada pela imprensa e capitalizada pela aguerrida oposição liderada pela UDN, que viu no acidente fatal uma chance única de tirar Getúlio do poder, com apoio dos militares da Aeronáutica que montaram um Inquérito Policial Militar para apurar o fato com viés de apontar Getúlio como mandante com o apoio da imprensa da direita aguerrida.” (Araújo,2017)

entendesse e da forma que achasse conveniente, como se pode ver na coluna do fim de semana dos dias 9 e 10 de maio de 1953: "...O New York Times, como qualquer jornal, tem o direito de criticar o que bem entender, sem que se arrepie a sensibilidade mais que suspeita dos nacionaliteiros...". Neste trecho tirado da mencionada nota ainda se observa a direção indireta da crítica na última frase, afinal não se pode olvidar que Getúlio era defensor do nacionalismo.

No tão complexo processo que é o último período de Vargas no poder - ao longo do qual o presidente exerceu o poder sob contínuos e virulentos ataques da mídia -, ele foi constantemente pressionado para não assumir e, depois, para renunciar ao poder. Durante esse período o Brasil fica dividido, e a campanha da mídia leva ao enfraquecimento da figura e do poder do presidente. Tanto é assim que na citada reunião ministerial que ocorre no dia 23 no Palácio do Catete, seus ministros recomendam ao presidente renunciar, patenteando o pouco apoio para que permanecesse no cargo. Um dos poucos personagens políticos ao redor do presidente que se mantém fiel a Vargas foi o ministro da justiça Tancredo Neves.

Depois que Vargas se suicida as repercussões à tragédia ecoaram de várias formas entre a população, tais como: manifestação contra os jornais que tanto difamaram Vargas, sendo que muitas sedes desses jornais foram depredadas. O próprio Carlos Lacerda se vê na necessidade de buscar refugio primeiro em um navio da Marinha e depois na Embaixada americana. Sobre isso a Última Hora publicou uma coluna no dia 30 de agosto de 1954 que tem o seguinte título, "Lacerda tem medo de aparecer até na rádio", e insinua logo de início o temor de Lacerda frente à reação popular:

"O corvo do lavradio apareceu ontem na rádio Globo, não de corpo presente, como tentou fazer crer, mas sob a forma de disco. O homem 'popular' está abandonado pela valorosa equipe da lanterna e se esconde vergonhosamente, desde o dia em que a morte de Getúlio Vargas deslocou a maior massa humana de que há memória no Rio..."(Última Hora, 30/8/1954, Sic)

A leitura dos exemplares dos jornais em foco, realizada no âmbito da presente pesquisa, permite constatar que nem mesmo depois da morte de Vargas sua memória é deixada em paz. Lacerda continua, pelo menos até o fim do ano, marco temporal da nossa pesquisa, a vilipendiar a imagem de Getúlio. Por outro lado, a Última Hora permanece ao longo de todos os últimos meses do ano de 1954 louvando a imagem do agora ex-presidente.

A leitura do material pesquisado, durante a realização da pesquisa dos dois jornais, leva à constatação de que, apesar de Samuel Wainer e Carlos Lacerda não serem figuras centrais

no palco político da época, a atuação deles reflete e traz consequências diretas nos acontecimentos daqueles anos iniciais da década de 1950 quando Getúlio era presidente.

A análise do material levantado na pesquisa que dá suporte à abordagem deste artigo deixa evidente que nas matérias dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* não havia a preocupação de seus autores em serem imparciais. Vargas é retratado de forma completamente oposta por um em relação ao outro, dando ao grande público brasileiro do século passado uma visão imprecisa da figura e do governo de Getúlio, pois um exagera nos louvores e o outro nas críticas.

CONCLUSÃO

Após análise das manchetes da *Tribuna da Imprensa* e da *Última Hora*, dois jornais com ideais políticos antagônicos e que noticiavam os mesmos acontecimentos de forma diferente, pode-se asseverar que cada um buscava conduzir a opinião pública de acordo com a visão política e os interesses particulares de cada editor. A verdade se tornava algo subjetivo e que se moldava aos interesses de cada grupo político que financiava e publicava o jornal. Isso é um fato que ocorre até os dias de hoje, mas no período de Vargas, por ser uma sociedade sem tantos recursos de divulgação de informação, como nos tempos de hoje com as redes sociais e a internet, fica clara a importância do jornal impresso e como esse meio de comunicação direcionava as notícias para formar opiniões públicas.

Ao acompanhar as publicações diárias dos dois jornais trabalhados na pesquisa, após mais de cinquenta anos das suas publicações, fica fácil observar que a opinião do leitor ia sendo trabalhada com informações muitas vezes caluniosas, quando se tratava da *Tribuna*, ou com exagerado louvor, se tratando da *Última Hora*. As imagens públicas do presidente iam sendo moldada de acordo com interesses da grande mídia opositora ou do praticamente quase único jornal favorável a Getúlio, como era o caso da *Última Hora*. Isso dividia a opinião dos leitores entre os que eram favoráveis ou os que eram contrários ao presidente.

Os primeiros anos da década de 1950, em que Vargas estava à frente do governo nacional, foram anos de grandes transformações sociais no Brasil. Foram períodos de grandes turbulências políticas, e Getúlio com seus ideais se contrapunha aos seus opositores. Carlos Lacerda, com sua retórica, dava voz a toda ala de adversários políticos descontentes com o presidente, ele próprio, como membro do partido UDN, representava bem posições de setores dessa agremiação nas páginas da *Tribuna*.

Com isso era necessária uma figura como Samuel Wainer para publicar um jornal que defendesse o presidente junto à opinião pública. A criação da Última Hora, um jornal que trazia outra imagem, diferente das que os adversários de Vargas faziam do presidente, era importante para contrabalançar as notícias publicadas pelos jornais da grande mídia como os Diários Associados de Assis Chateaubriand, O Globo de Roberto Marinho e, é claro, da Tribuna da Imprensa que, apesar de ser um jornal de pouca circulação, graças ao talento de Lacerda chamava atenção para suas matérias, que muitas vezes reverberavam em outros periódicos.

O Brasil daquela época via diariamente nas bancas de revistas os jornais opositores ao governo estampando na primeira capa informações denegrindo as políticas de governo e a imagem do presidente. Havia a necessidade de um jornal que revidasse e trouxesse outra visão de Vargas, uma visão que não fosse somente ofensiva. Wainer era peça chave nesse jogo político, e a criação da Última Hora em 1951 era necessária para que Vargas pudesse veicular os seus pontos de vistas e as realizações de seu governo.

Esse antagonismo midiático ao longo de todo o governo, desde as eleições até o desfecho com o suicídio do presidente após o atentado da Rua Toneleiros, acabou desgastando a imagem de Getúlio. Lacerda não poupava as palavras para agredir Getúlio e seu governo, e ao mesmo tempo em que agia com publicações diárias de ofensas, chamava a população para sua campanha contra Vargas. Em maio de 1953, Lacerda começa uma campanha pública contra o presidente, pedindo à população que enviasse trechos de discursos de Vargas que contradiziam os seus atos. Com isso incitava a população contra Getúlio, transformando o povo em não mais meros leitores, mas em parte ativa do movimento contra Vargas. Um ano depois, em 1954, a Tribuna comemora o primeiro ano de campanha, naquele que foi o ano mais turbulento para Vargas¹¹, pois com a crise do aumento do salário mínimo os ataques a Getúlio foram reforçados pelos seus opositores.

A batalha entre a Tribuna da Imprensa e A Última Hora era a manifestação da peleja de duas correntes políticas. Getúlio como chefe da nação, foi o alvo central da UDN por meio dos jornais ligados a esse partido. A Tribuna, com suas manchetes, buscava desestabilizar o governo e impedir colocar em prática a política governamental. Enquanto que a Última Hora buscava consubstanciar uma propaganda favorável.

Em conclusão, este artigo corrobora a tese assentada na historiografia de que a participação da mídia foi de singular importância para os acontecimentos políticos e os

¹¹ Delgado reforça bem essa ideia em seu trabalho, como se pode observar: "A crise de 1954 teria seu momento mais agudo no mês de agosto com o atentado contra a vida de Lacerda e com o suicídio de Getúlio Vargas." (DELGADO, 2006, p87)

desfechos que ocorreram no último governo de Vargas. Getúlio, na década de 1950, encontrou uma mídia atuante, que não sofria a censura do DIP. Eram jornais militantes que tinham liberdade para publicar o que bem entendessem, sem o peso da censura. Lacerda não tinha freio na Tribuna, falava livremente. Isso gerava impactos, e não se pode esquecer o papel dos jornais na sociedade brasileira da época, em que os periódicos eram uma das principais fontes de informação para uma parcela considerável da população. Com isso, pode-se aferir a importância do surgimento da Última Hora, pois Wainer tinha a função cabal de contrabalançar esses ataques a Vargas, trazendo uma visão positiva do Presidente da República. Nesse contexto, Getúlio Vargas, uma das figuras mais emblemáticas da história recente brasileira, ainda é motivo de discussões acaloradas, não havendo consenso com respeito à sua atuação nos dois períodos em que esteve à frente do Governo do Brasil. Desse modo, a Última Hora construiu uma imagem positiva de Vargas enquanto que a Tribuna desfavorável.

Fontes

Jornal A Tribuna da Imprensa do dia 29 de dezembro de 1949 a 30 de setembro de 1954

Jornal A Última Hora do dia 12 de junho de 1951 a 15 de outubro de 1954

LOBO, Haroldo; PINTO, Mariano, “Retrato do Velho”. S.d, S.p. in

<https://www.letas.mus.br/haroldo-lobo/691758/> acessado em 15/8/2018

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de :& Latman-Weltman, Fernando (1994). **Vargas e a crise dos anos 1950. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de 1954.** In Gomes, A. C(org). **Vargas e a crise dos anos 1950**

ALBURQUERQUE, Maria Eulalia Tomasi. **Propostas de Atividades com manchetes de jornais.** (S.d) In <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31488/17249>. Acesso em 02/9/2018.

ARAÚJO, Andre <https://jornalggn.com.br/fora-pauta/a-campanha-de-imprensa-que-levou-getulio-ao-suicidio-por-andre-araujo> (acessado em 5 de agosto de 2018)

BIROLI, Flavia. **Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960)**

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100009

BORGES, Altamiro. **A ditadura da mídia**. São Paulo: Anita Garibaldi / Associação Vermelho, 2009

COSTA, Celie Maria Leite (Sd) O Manifesto dos Coronéis. In Fatos e Imagens. O Manifesto dos Coronéis. CPDOC. In

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/ManifestoCoroneis>

Acesso em 4/11/2018

D'ARAUJO, Maria Celina Soares. (1992) **O segundo governo Vargas:1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2ªedição São Paulo: Ática, 1992. Série fundamentos,90

Martins, Luiz, Carlos dos Passos. (2016). **A grande imprensa “liberal” carioca e a política econômica do segundo governo Vargas(1941-1954)**. Porto Alegre: :EDPUCRS

DELGADO, Marcio de Paiva (2005). **O jornalista e político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955**. Inanais do I colóquio do LAHES. Juiz de Fora (sem numeração de página)

DELGADO, Marcio de Paiva. **O “GOLPISMO DEMOCRÁTICO” CARLOS LACERDA E O JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA NA QUEBRA DA LEGALIDADE (1949 - 1964)**. Diss. Mestrado. Universidade de Juiz de Fora, ano 2006, acessado em 8 de outubro de 2018

FONSECA, Francisco. (2011). **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**

CRUZ, Heloisa de Faria & Maria do Rosário da Cunha Peixoto. **Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, n.35, p.253-270,dez.2007.Disponível

:<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2221/1322>

Acesso em 29/7/2018

MENDONÇA, Marina Gusmão de, **Imprensa e política no Brasil: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição da Última Hora** In HISTÓRIA. Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo, N. 31, junho de 2008 In <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia04/texto04.pdf> Acesso em 20/05/2018.

PAPIS, Paula. **A imprensa na campanha presidencial**. In Observatorio de Imprensa. Materiais 17/4/2002. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-imprensa-na-campanha-presidencial/>. Acessado em 02//8/22018

RÉMOND, René (2003). **Por uma história Política**. Rio de Janeiro: FGV---(2008). **Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)**. In locus revista de história 2º pp 137-153

TRICHES, Guilherme Longo. **A responsabilidade na redação de uma manchete** (2014). In observatório de Imprensa. Acessível em http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/a_responsabilidade_na_redacao_de_uma_manchete/ . Acesso em

WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Vitor Wolff Nogueira, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “MÍDIA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO: A FORMAÇÃO DA IMAGEM POLÍTICA DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS NOS JORNAIS TRIBUNA DA IMPRENSA E ÚLTIMA HORA (1950-1955)” foi integralmente redigido por mim, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, dezembro de 2018.

Vitor Wolff Nogueira